

Decifra-me!

Uma biografia de Clarice Lispector

BERTA WALDMAN

Professora Titular em Literatura Judaica da Universidade de São Paulo

MOSER, Benjamin. Clarice, uma biografia. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

QUANDO SE LÊ UMA BIOGRAFIA ESBARRA-SE NUM LIMITE: O RECONHECIMENTO DA impossibilidade de acesso a uma realidade não adulterada, de uma visão neutra das coisas tais como são. Essa questão reaparece de diferentes maneiras em todo relato calçado num compromisso com a verdade, quer seja ele romance histórico, memorialismo, autobiografia ou biografia.

No caso da biografia, que é o que interessa de momento, as perguntas que estão em sua base são: como montar o elenco de dados relativos a uma vida para que venha à tona o biografado? Como proceder para capturar a singularidade de uma figura, quando o particular, o único, é sempre um lugar vazio? Como trabalhar com as experiências inalcançáveis da vida?

A intangibilidade de seu objeto, entretanto, não desqualifica a biografia enquanto gênero narrativo capaz de dar conta de uma história de vida. A prova disso são as biografias bem sucedidas. Mas a questão é delicada, porque esse tipo de relato se sustenta no difícil equilíbrio entre o biógrafo e o biografado, entre presente e passado, nem o discurso absoluto nem tampouco a singularidade absoluta, construindo-se os sentidos na grade entrecruzada desses opostos. Porque é um trabalho de montagem, de *interpretação*, nenhuma biografia pode se considerar definitiva, e sempre será possível refazê-la, ainda que a partir dos mesmos dados utilizados. A meta da biografia é fazer viver o biografado, mais ou menos como o ficcionista faz viver suas personagens.

O motivo dessas ponderações é a recém publicada biografia de Clarice Lispector escrita pelo norte-americano Benjamin Moser.

Resultado de muito empenho e paixão, a pesquisa de fontes em que o autor se baseia é exaustiva e extensa. Além de trabalhar a partir de outras biografias de Clarice Lispector já publicadas (as das brasileiras Nadia Batela Gotlib e Teresa Cristina Montero Ferreira, e a da canadense Claire Varin), a partir do romance autobiográfico da irmã de Clarice – Elisa Lispector, *No Exílio* –, o autor fez um vasto levantamento de livros, jornais e revistas da época, passa pela correspondência da escritora com as irmãs e amigos, inclui depoimentos das irmãs, da família mais ampla, de amigos, de conhecidos, primos, vizinhos, escritores, declarações da própria Clarice, e ainda entrevistas com pessoas que a conheceram, além de fotos e obra literária completa da autora, bem como sua literatura escrita para crianças e as crônicas para jornais e revistas.

Judeu, como a escritora que escolheu biografar, Moser ata os fios soltos da história buscando focalizá-la numa perspectiva judaica; para isso, ele introduz a biografada em moldura histórica do mundo ashkenazita que se desdobra na Europa Oriental, ajustando o foco na Ucrânia, Tchetchnick, aldeia que chegou a visitar e onde Clarice nasceu, no ano de 1920. Fugindo dos *pogroms* soviéticos, a família composta de pai, mãe, duas irmãs e do bebê recém nascido, além de espoliada de seus bens, e de ter padecido fome e penúria, a mãe teria sofrido estupro

por soldados russos e contraído sífilis, num período em que a doença era incurável. Em *O Exército de Cavalaria* Isaac Bábel faz um quadro estilizado da barbárie e da miséria em que a Ucrânia estava mergulhada nos anos que se seguiram à revolução de 1917 – horrores que os pais de Clarice viveram da maneira mais extrema. A reconstituição desse terrível momento em que nasceu uma escritora extraordinária é um dos pontos altos da narrativa de Benjamin Moser, que traz dados e descrições impressionantes sobre aquele canto do mundo que parecia esquecido por Deus.

Chama a atenção no livro a minúcia com que o autor reconstrói esses inícios, tanto na Ucrânia como em Maceió e Recife, por onde ele acompanha a família Lispector, calcando o foco e a expressividade na comunidade judaica desses lugares. A intimidade que ele demonstra ter também com o ambiente político-cultural brasileiro do século 20 é grande e denota sua competência enquanto pesquisador. O que merece ressalva, entretanto, é o peso descomunal que a Clarice de Moser ganha, ao ser apresentada como movida pela orfandade. Segundo a interpretação do autor, ela perdeu a mãe ainda menina e falhou em salvá-la com seu nascimento, contrariando uma suposta crença judaica de que o nascimento de uma criança poderia salvar a vida da mãe, e isso teria marcado sua trajetória. A novidade do estupro revelada pela biografia seria a responsável pela longa doença de Mania (a mãe) que passou grande parte de sua vida presa a uma cadeira de rodas. Segundo Moser, haveria uma culpa primordial que não só acompanharia a escritora por toda a vida, como também se constituiria no marcador fundamental de sua literatura. Por um lado, o autor não deixa claro de onde vem a informação do estupro da mãe; Clarice contou a quem? Qual a fonte? Por outro, sabe-se que a experiência de vida é sempre inatingível, e a subjeti-

vidade é imaginária, lábil e multiforme, não podendo, por isso mesmo, ser fixada como único esteio de toda uma vida. Por mais que a escritora tenha manifestado seu sentimento de desamparo, em diferentes circunstâncias, ela responderá a ele e a outras motivações com sua escrita, que tem a ver com o real, mas é de outra natureza, em conformidade com a afirmação. “Escrever é tantas vezes lembrar-se do que nunca existiu” (LISPECTOR, 1999, p.24). Vale lembrar, ainda, que a coerência absoluta falseia a realidade e embalsama escrita e escritor, anulando a complexidade feita de variedades e contradições. Já dizia um sujeito no feminino em *Água Viva* (LISPECTOR, 1979, p.75): “Não me posso resumir porque não se pode somar uma cadeira e duas maçãs. Eu sou uma cadeira e duas maçãs. E não me somo.”

Também o suposto sentimento de abandono por Deus, que se afasta da família Lispector e de seu povo, é um suporte utilizado por Moser para compor a biografada e explicar sua obra. Para se aproximar desse Deus, o autor parte dos escritos sobre misticismo judaico, de Guershom Scholem. A dificuldade em apreender traços judaicos em escritores judeus está no fato de que ser judeu tem significações diferentes para cada sujeito; desse modo, a questão não comporta respostas únicas ou definitivas. É difícil chegar ao judaísmo na escrita de Clarice Lispector porque ela não se declara judia. Entretanto, Moser sempre que alude ao judaísmo o faz equivaler à religião (por exemplo, quando afirma que após a morte do pai, Clarice abandona o judaísmo institucional). Sabe-se que a abertura do judaísmo para sua reformulação em termos nacionais, étnicos e culturais data da *Hascalá* – movimento iluminista judaico – que impôs como objetivo central a modernização do judaísmo, através da reformulação da identidade judaica e dos modos de inserção dos judeus na sociedade mo-

derna. Morre o judeu como substantivo autossuficiente e nasce o judeu adjetivado: o judeu reformista, conservador, ortodoxo, sionista, liberal, etc. A efervescência ideológica do século XIX alastrou-se pela Europa, conquistando as massas judias, encarnando as diferentes estratégias de modernização do judaísmo e pondo à tona a ampla gama de influências externas das quais se nutriam as novas formas de identidade judaica. Surgem os judeus alemães, os judeus poloneses, judeus brasileiros, etc. e o modo de construir a identidade judaica ganha timbres diferentes e pessoais. Há críticos e leitores de Clarice Lispector que pensam que tratar de seu judaísmo é tirá-la do Brasil, o que não é correto. A duplicidade torna mais complexa a identidade, mas não afasta a escritora de sua brasilidade. Por outro lado, ela própria tropeça no judaísmo, por querer se aproximar o mais possível do que imagina o ser brasileiro.

Assim, em entrevista de 1976 dada a Edilberto Coutinho (1980), Clarice tenta desvencilhar-se de seu judaísmo: “Eu sou judia, você sabe – embora não acredite que o povo judeu seja o povo eleito por Deus. Eu enfim sou brasileira, pronto e ponto.”¹

Contrariamente à sua disposição, uma referência judaica – mais abstrata – inscreve-se em seu texto, conforme minha leitura. Há nele uma busca reiterada (da coisa? do real? do impalpável? do impronunciável? de Deus?) que conduz a linguagem a seus limites expressivos, atestando, contra a presunção do entendimento, que há um resto que não é designável, nem representável. Neste sentido, a escritura segundo Clarice Lispector permanece, talvez inconscientemente, fiel à interdição bíblica judaica de delimitar o que não tem limite, de representar o absoluto. Um dos grandes “temas” da obra da escritora é, a meu ver, o movimento de sua linguagem, análogo àquele próprio da tradição dos comentários exegéticos presos ao *Pentateuco*, que

remetem ao desejo de se chegar à divindade, tarefa de antemão fadada ao fracasso, dada a particularidade do Deus judaico de ser uma inscrição na linguagem, onde deve ser buscado, mas não apreendido, obrigando a retornar sempre. A abertura para uma interpretação multiplicadora – eis a herança judaica por excelência, e a ela o texto de Lispector não fica incólume.

O judaísmo, em Lispector, a meu ver, pode ser identificado tanto nos movimentos circulares de sua linguagem, quanto na maneira estratégica como se inscreve o silêncio em sua obra, e ainda, na presença constante da referência bíblica, propiciadora de um viés que permite verificar os desdobramentos de uma discussão concernente à lei. Há ainda algumas obsessões que fazem eco ao texto bíblico e dizem respeito a uma concepção de mundo e de realidade mobilizadora tanto do animal quanto do vegetal. Os animais entram na obra da escritora como ingredientes de estruturação do mundo, e sua normatização em puros e impuros – inventariada em *Levítico* 11:13 –, permite à autora pôr à prova a lei, em alguns textos como *A paixão segundo G.H.* e “A quinta história”, além de outros.² Também em seu último romance – *A Hora da Estrela* (LISPECTOR, 1997),³ é possível identificar traços judaicos. Com o nome da protagonista – Macabéa – Clarice Lispector transpõe para *A Hora da Estrela* elementos simbólicos de um registro matricial judaico. A referência que se faz é ao *Livro dos Macabeus*, dois volumes não-canônicos da Bíblia, considerados apócrifos pelos judeus, com os quais o livro de Clarice intertextualiza.

Já no conto “*Onde estivestes de noite*” (LISPECTOR, 1974, p.59-79), destacado por Moser, aparece o único personagem judeu na obra de Clarice Lispector, ao lado da entrevista já citada (*Sou judia, você sabe./.../ Eu, enfim, sou brasileira, pronto e ponto*) (MOSER, 2009, nota 21), também a

única vez em que a autora alude diretamente à sua origem. Nos dois casos, ela se desvencilha do judaísmo. Na entrevista, imprime um giro tal na frase, que acaba negando a primeira afirmação. Em relação ao conto, dilui o judaísmo entre outros credos. Essas formulações sugerem que talvez a forma de Clarice Lispector operar com seu judaísmo seja tentando se desenlaçar dele. Curiosamente, seus textos têm a marca dessa mesma operação. Ao mesmo tempo, afirmando e negando esse traço identitário, faz-se e desfaz-se uma metáfora lábil e trôpega que assim mesmo se dilata imprevisível, resistente à unificação, como *uma cadeira e duas maçãs*.

Em síntese, nos planos mais gerais, a biografia de Moser acrescenta, a meu ver, muitos elementos ao que se conhecia sobre Clarice Lispector. Entretanto, a composição do retrato da escritora a partir de pressupostos psicanalíticos, místicos e de criação literária (por exemplo, identificar diretamente Clarice Lispector com suas personagens) forja um perfil arbitrário e voltado para dentro, distante dos fatos da vida, que compõem, na verdade, o horizonte de expectativa dos leitores que buscam uma biografia.

Por mais que informe, por mais bem escrito que seja, por mais que acerte em muitos planos, a obra falha, a meu ver, no desafio de decifrar o enigma da esfinge. Ainda assim, suas qualidades são muitas e não podem ser minimizadas. Como a literatura de Lispector tende a assombrar cada vez mais os leitores de outros países e continentes, o trabalho deste jovem pesquisador norte-americano auxiliará, com certeza, a informá-los a respeito dessa escritora ímpar da literatura brasileira.

NOTAS

1 Segue a citação completa: "Sou judia, você sabe. Mas não acredito nessa besteira de judeu ser o povo eleito de

Deus. Não é coisa nenhuma. Os alemães é que devem ser, porque fizeram o que fizeram. Que grande eleição foi essa, para os judeus? Eu, enfim, sou brasileira, pronto e ponto" (LISPECTOR, 1976 in COUTINHO, 1980).

2 Berta Waldman (2003) aborda o judaísmo em Clarice Lispector, por diferentes caminhos.

3 Ver, a propósito, Nelson Vieira (1989 e 1995). Neste último livro, o romance *A Hora da Estrela* é estudado em sua expressão judaica, assim como a obra da autora de modo geral.

REFERÊNCIAS

- COUTINHO, Edilberto. 'Uma mulher chamada Clarice Lispector' in *Criaturas de Papel: Temas de Literatura&Sexo &Folclore&Carnaval&Televisão&Outros Temas da Vida*. Rio de Janeiro/Brasília: Civilização Brasileira/INL, 1980, p.165-170.
- LISPECTOR, Clarice. *Onde estivestes de noite*. Rio de Janeiro: Artenova SA, 1974.
- _____. *Água Viva*. 10. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979,
- _____. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997.
- _____. *Para não esquecer*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.24.
- MOSER, Benjamin. *Clarice, uma biografia*. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- VIEIRA, Nelson. 'A Expressão Judaica na Obra de Clarice Lispector' in ARÊAS, Vilma; WALDMAN, Berta (orgs.), *Remate de Males*, n. 9, Unicamp, Campinas, 1989, p. 207-209.
- _____. *Jewish Voices in Brazilian Literature: A Prophetic Discourse of Alterity*. Gainesville: The University Press of Florida, 1995.
- WALDMAN, Berta. *Entre Passos e Rastros*; presença judaica na literatura brasileira contemporânea. São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2003.